

MÍDIA E REPRESENTAÇÃO DA JUVENTUDE

Maria do Carmo Alves do Bomfim
Luzineide dos Santos Conceição
Débora Andréia dos Santos

Este texto trata de questões relativas à veiculação da imagem dos jovens pelos diversos meios de informação e comunicação e do impacto psicológico, social e cultural que é causado. Começamos, pois analisando, o que muitos autores que escrevem sobre a mídia e os jovens, destacam como um dos principais problemas nesta relação, que é a insistência na caracterização deste seguimento social como um problema; as notícias veiculadas sobre os jovens são em sua maioria ligadas a irresponsabilidades e agressões (BOMFIM, 2007, p.32), assim suas imagens são facilmente ligadas a atos de violência e vandalismo.

Champagne (1998) destaca o fato de que na maioria das vezes os casos de violência que retratam as populações desfavorecidas economicamente são considerados os mais sensacionais e emocionantes, e por isso quase sempre viram manchete nos meios de comunicação; isto não significa que apenas os jovens “pobres” são considerados infratores sociais-apesar de estes muitas vezes aderirem à marginalidade por falta de alternativas nas suas vidas, esta é uma forma de ocultar as violências consideradas de estruturais, ou seja, as que realmente podem explicar as reais causas das desordens sociais, muitas vezes são definidas como violências invisíveis, uma vez que são as mídias, com seu poder de imagem platônica, que dão maior visibilidade aos fatos, e neste caso não o fazem com muita frequência.

Outra representação da juventude feita pela mídia atualmente, pode ser resumida na expressão famosa “Carpe diem”, viva a vida , que Fischer (2008) considera como sendo o resultado do desencantamento do jovem com a sociedade, que gera o descontentamento, e por sua vez, causa o ceticismo em relação ao futuro, levando o jovem a preocupar-se apenas com o presente. No livro Políticas Públicas de/para/ com Juventudes da UNESCO (2004) esse argumento é reforçado, destacando a contradição entre a forma como a sociedade, em geral, identifica o jovem como o “futuro” e as formas como estes atores advogam que são o “presente”, referindo-se à necessidade de serem atendidos considerando a dinâmica da vida atual e não somente ter uma orientação para assumir posteriormente papéis adultos.

A preocupação demasiada dos jovens em viver intensamente o presente não faz deles sujeitos sem perspectivas. Queiroga (2005) no prefácio do livro “Jovens e Juventudes” de Rosilene Alvim, Tereza Queiroz e Edísio Ferreira Jr. argumenta que nos últimos anos, as juventudes ocuparam lugares sociais e políticos na agenda nacional, entretanto o problema é que as mídias optam por priorizar e veicular a imagem desses sujeitos mais como agentes da desordem social, do que como colaboradores na construção da ordem nacional.

Outra consideração importante sobre os jovens, é a de que hoje eles experimentam um processo de “adultização” acelerado, estando expostos a grandes vulnerabilidades sociais e a múltiplos desafios. Os jovens são- talvez mais do que qualquer outro grupo populacional- que enfrentam as maiores incertezas e os riscos advindos do fenômeno da globalização (UNESCO, 2004, p. 24).

A juventude, por ser uma fase em que os indivíduos estão passando por um processo de construção de suas identidades, é tida como uma fase conturbada e cheia de indefinições (BOMFIM, 2006), está mais vulnerável a influências externas, especialmente quando esta se dá através de meios de comunicação de imagem e ainda quando se trata das camadas sociais juvenis menos favorecidas, o fomento da violência, por exemplo, possui uma relação estreita com as desigualdades e o não acesso à riqueza e à cidadania (ABRAMOVAY, 2002,p.66). É importante que o jovem seja tomado em dupla perspectiva, na qual eles sejam tanto receptores de serviços públicos, a fim de que busquem enfrentar as desigualdades e exclusão social, quando atores estratégicos no desenvolvimento de sociedades mais igualitárias e democráticas (CEPAL, 2006a), e que as mídias veiculem como tal.

A mídia como mediadora social no processo de educação e cidadania

Não podemos imaginar uma sociedade na qual a existência de instituições, processos, práticas ou mecanismos não estejam ligados direto ou indiretamente à educação (Fischer, 2008). É nesse sentido que a mídia, sendo uma dessas instituições, está estruturalmente vinculada ao processo de educação, sendo que tratamos aqui de mídia em todas as suas dimensões, ou seja, da tecnologia da informação e da comunicação com seus vários aspectos de inovações que permitem processar e armazenar cada vez mais informações e distribuí-la com maior velocidade por meio de

redes espalhadas no mundo inteiro, e por isso exerce um papel importante no processo também de construção e difusão da cidadania e de incentivadora da esfera educacional.

Milton Santos (1999) na expressão: “Uma escola que não forma verdadeiros cidadãos torna-se à um celeiro de deficientes “cívicos” esclarece a necessidade de a educação se transformar num processo de libertação, de visão crítica da realidade, está associada à questão da cidadania que é entendida aqui não como um estado natural e sim como uma conquista e um compromisso histórico, com destaque para a participação no processo de decisões; cidadania é, então, participação no planejamento, no dizer a palavra, expressar a opinião e manifestar pensamento (GUARESCHI e BIZ, 2005, p. 34). Neste sentido, as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTICS), podem contribuir significativamente ao permitir uma maior transparência no planejamento e nas transações, ampliando o controle do cidadão no processo de planejamento, uma vez que é clara o atraso tecnológico, especialmente nos países subdesenvolvidos, o que significa que o acesso a essas mídias são muito restrito.

O Brasil se situa numa posição intermediária em relação ao índice de avanço tecnológico. Iniciativas como Programa de Informática na Escola Pública (PROINFO) e os telecentros comunitários, são importantes, porém ainda é visível os casos de exclusão digital.

Segundo dados do IBOPE E- rating, no país havia 14 milhões de pessoas com acesso à internet nas suas residências em 2002, o que representa aproximadamente, 13% da população. Desses 80% pertence as classes A e B, 16% a C e 4%, a D e E. (ABRAMOVAY E CASTRO, 2003:310).

É preciso, pois, que haja mais investimento em políticas públicas que possibilite o acesso a esses meios mais avançados, contudo é ainda também mais urgente que se formem receptores críticos, ativos e inteligentes, e para isso as instituições educacionais tem o desafio não apenas de incorporar as novas tecnologias da informação em forma de conteúdo de ensino, mas também reconhecer a partir das concepções que as crianças e os jovens têm sobre estas tecnologias para elaborar, desenvolver e avaliar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento de uma disposição reflexiva sobre o conhecimento e os usos tecnológicos (LITWIN, 1997, p.85). Guareschi (2005) denomina essa introdução ao mundo tecnológico de “alfabetização digital” acrescenta que este é componente necessário à cidadania, pois através dela é mais fácil ter acesso

às leis, conhecer seus direitos e deveres como cidadão e tornar-se presente no mundo virtual do fluxo das informações. A simples existência de um cidadão com endereço e carteira de identidade não parece mais suportar as exigências atuais: é necessário ter um e-mail, estar presente nesse mundo virtual e saber interagir com ele.

Muitos jovens de nossa pesquisa se referiram à necessidade de as mídias veicularem mais programas que incentive a juventude para a educação, o cinema teatro e música; percebemos então que a garantia da cidadania vai além do conhecimento de direitos e de vez e voz no processo de construção social, no que se refere aos grupos juvenis, implica também um espaço para suas manifestações. Nesse sentido os “emissores” tem o papel de incentivar maior protagonismo dos próprios jovens na transmissão de mensagens, seja a seus pares ou à sociedade como um todo (UNESCO, 2004, p. 217) e as instituições educacionais tem dupla responsabilidade a de alfabetizadora digital, já que é um local onde as camadas juvenis menos favorecidas tem maior probabilidade de acessos às tecnologias, e ainda o papel de formar cidadão críticos, reflexivos e atuantes frente a esses meios de comunicação e informação. Vale lembrar, no entanto que essa responsabilidade não é exclusivamente da escola, como afirma Litwin (1997), o Estado tem uma responsabilidade intransferível quanto a garantir a toda a população, independentemente de sua idade sexo ou outra condição, o acesso aos códigos necessários para compreender e manipular as novas tecnologias.

Cultura Midiática

Analisando a influência que a mídia exerce sobre a sociedade Fischer (2008), relata que a mesma está relacionada com o aprendizado cotidiano, sobre quem nós somos, o que fazemos, o que queremos, como devemos educar e como deve ser vistos os diversos grupos sociais, como afro descendentes e africanos, os portadores de deficiência e os grupos religiosos. Esta relação se articula como uma aquisição de valores, através do qual a mídia propaga sua cultura, a que chamamos de “cultura midiática”, por meio de textos sons e imagens.

O impacto do avanço tecnológico como afirma Belloni (2001) sobre processos e instituições sociais, como a educação, comunicação, trabalho, lazer, relações pessoais e familiares, cultura, imaginário e identidades, tem sido muito forte sobre a vida da

sociedade, pois a mídia tem o poder de controlar o que e como ela quer que a população veja, reaja e seja.

Assim os indivíduos, de um modo geral, constroem seus espaços e suas subjetividades sob influência da cultura midiática, onde tudo o que se faz, pensa e deseja de certa forma está relacionada aos valores e desejos que a mídia consegue inserir na vida das pessoas, principalmente dos jovens.

Essa relação de imposição de valores e cultura funciona como uma dependência ou necessidade de se estar inserido nesse “boom tecnológico”, que é a mídia, sob pena de não acompanhar as exigências da realidade mundial, pois a penetração dessas mídias em todas as esferas da vida social é incontestável como disse Belloni (2007) “instâncias socializadoras como escola, família e igreja também vão sendo penetradas e influenciadas pelas regras de estilo das mídias, e vão perdendo e diminuindo o seu potencial crítico frente a esta lógica implacável de midiatização que é igual à mercantilização”. Para a autora, esta se torna uma questão crucial, pois a mesma declara que do cinema mudo às redes telemáticas, as principais instituições sociais foram sendo transformadas por estas tecnologias, que são as mídias e ainda completa afirmando que além do trabalho, lazer, famílias cujo seu cotidiano foi sendo invadido pela programação televisual, as igrejas também tiveram que render-se aos apelos da TV e do espetáculo contribuído assim para a construção dessa cultura.

O espetáculo televisivo chega muitas vezes a ser “apelativo”, como disse um dos jovens pesquisados, e pouco contribui para a valorização da cultura e da educação como disse outro jovem ao avaliar as programações das TVs e dos rádios. Esses apelos evidenciam muitas vezes questões sérias como a violência, que é difundida algumas vezes como um meio eficaz de resolver conflitos, mostrada como um sinal de coragem e meio de obter êxito e a não violência como um sinal de covardia e fraqueza, e ainda colocamos jovens em contato com situações psicologicamente complexas que ele não tem ainda maturidade para compreender acabando por provocar nestes conflitos e ansiedades. (BELLONI, 2001, p.39).

A cultura midiática vai muito além; “inevitavelmente” essas tecnologias colocam imagens de glamour e sucesso, anúncios sedutores de carros velozes, roupas caras e outros bens de consumo duráveis, assim como programas que parecem exaltar a eficiência da violência (FEILITZE e CARLSSON, 2002). Isso vai de encontro com o que a maior parte dos jovens pesquisados declarou quando consideraram os meios de comunicação e informação influenciadores potenciais do consumo de bens materiais.

Levamos em consideração ainda que essas imagens, anúncios e programas mostrados contribuem para a divulgação de outras culturas, além da cultura do medo, como cultura do sexo, e cultura da beleza, que levam crianças e jovens a socializarem e adotarem costumes referentes a essas representações midiáticas.

Juventude e Mídia: Criação de um Novo Paradigma

Tratamos aqui do inegável poderio da mídia no processo de construção social, cultural e identitário, tentamos não somente descartar os aspectos negativos desse meio, mas também suas contribuições positivas, de maneira especial desta influência na vida do jovem. Alguns dos jovens de nossa investigação consideram essa influência “decisiva , seja no modo de falar, pensar, andar de vestir e de agir”; na verdade é isso que acontece. Se observarmos com cuidado é comum as pessoas falarem, se vestirem, agirem, enfim, se comportarem de acordo com um determinado personagem de uma telenovela, por exemplo.

Apesar de na maioria das vezes a juventude ser apresentada como homogênea nos meios de comunicação (FISCHER 2008): jovens brancos, com condição econômica alta ou razoável- salvo algumas exceções-, o que se tem na realidade no Brasil, é uma juventude segregada, dividida por comportamentos e valores próprios. Essa divisão se dá devido à exclusão a que muitos grupos e indivíduos são submetidos, seja essa exclusão social, econômica, política, social, cultural ou digital (ABRAMOVAY, 2002, p. 51).A questão é que há a necessidade urgente de termos uma mídia alternativa , diferenciada, através da qual se possa mostrar nossa capacidade de criação e elaboração e não ser apenas reprodutores do atual sistema.(GUARESCHI e BIZ, 2005, p.204).

A criação de um novo paradigma para a juventude deve passar tanto pelo reconhecimento de desigualdades sociais, vulnerabilidades negativas, quanto pela potencialidade crítica e criativa dos jovens (UNESCO, 2004, p. 129). Assim, a mídia possui um papel importante, que é o de passar a evidenciar em sua veiculação o protagonismo juvenil nas diversas esferas sociais. Torna-se importante trabalhar na construção da cidadania e na transmissão de valores democráticos e solidários com todos os jovens, tomando como base a diversidade cultural para a construção de uma sociedade mais equitativa e democrática. O livro, já citado, “ Políticas Públicas de/ para/

com Juventudes” (UNESCO, 2004) apresenta ainda a necessidade de o sistema educacional, os meios de comunicação de massa, as comunidades organizadas e também os próprios movimentos de jovens trazem uma responsabilidade central, na contemporaneidade, pois vivemos em um tempo onde as mensagens globalizadas tendem a homogeneizar identidades e comportamentos, priorizando a figura do consumidor em detrimento da figura do cidadã/o, é importante, portanto que se tomem decisões firmes quanto à formulação e a implementação de respostas alternativas, que possam inverter essa equação.

Outra questão relevante na relação de juventudes e mídias, embora já foi comentada em páginas anteriores, vale apenas ser reforçado, pois constitui-se em responsabilidade dos sistemas educativos frente a esse novo desafio, visto que o avanço das novas tecnologias alterou significativamente os paradigmas educacionais (MERCADO, 2004, p. 183), exigindo das escolas adaptações teóricas e práticas; essas adequações são ainda mais urgentes no que diz respeito aos professores.

Este mesmo autor enfatiza a necessidade de o professor alterar sua conduta quando se refere à sua prática pedagógica, levando em conta, que decorar uma quantidade infindável de informações passou a ser uma tarefa a se questionar, já que a produção veloz na qual os conhecimentos são apresentados e renovados faz com que envelheçam com muita facilidade.

O trabalho de relacionar juventudes e mídias é muito complexo, uma vez que a juventude é estratificada e a mídia representa uma instituição monopolizadora, onde prevalece apenas o interesse de poucos, enquanto que a maioria permanece alheia ao mesmo tempo em que é influenciada por esses meios. Aliar, no entanto, o poderio desses meios midiáticos e o dinamismo das juventudes pode ser a parceria ideal no processo de construção desse novo paradigma; é preciso, então, que a mídia passe por um amplo processo de democratização e que esses meios descubram uma forma de integrar e envolver as várias representações juvenis frente às alternativas que lhes foram apresentadas.

Cabe então à mídia, bem como a sociedade civil contribuir para a autonomia dos jovens, instituírem meios de aproximação e escuta que favoreçam elos de afetividade e confiança essenciais para a superação de barreiras, e ainda criar espaços que visam a contribuição para o aprendizado da negociação democrática.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam; WAISELFISZ, Júlio Jacobo; ANDRADE, Carla Coelho; RUA, Maria das Graças. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude e Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamondy, 2002.

_____. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para Políticas Públicas.** Brasília: UNESCO, 2002.

ALVIM, Rosilene; QUEIROZ, Teresa; FERREIRA, Edísio Jr.(orgs.). **Jovens e Juventudes.** João Pessoa: Universitária, 2005.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é Mídia- Educação.** São Paulo: Autores Associados, 2001.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (orgs.) **Juventudes, Cultura de Paz e Violências na Escola.** Fortaleza: UFC, 2006.

FEILITZEN, Cecília Von; CARLSSON, Ulla (orgs.). **A Criança e a Mídia: Imagem, Educação, Participação.** São Paulo: Cortez, UNESCO, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia, Juventude e Educação: modos de construir o “outro” na Cultura.** Arquivos Analíticos de Política educaticas, V.16, 2, 2008. Disponível em: <http://epaa.asu.edu/epaa/v16n2>. Acesso em : 03. fev. 2009.

GUARESCHI, Pedrinho A., BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania.** Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional: política, histórias e propostas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (org.) **Tendências na utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação.** Maceió; EDUFAL, 2004.

MORIGI, Valdir José; ROSA, Rosane; MEURER, Flávio (Orgs.) **Mídia e Representações da Infância: Narrativas Contemporâneas.** Rio Grande do Sul; Champagn, 2007.

Políticas Públicas de/para/com juventudes. Brasília: UNESCO, 2004.

